



**MONUMENTO LIBERAZIONE:  
MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DA FORÇA  
EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA ITÁLIA**

*Marcelo Vieira de Souza Filho*



**Resumo:** Segundo Joel Candau, “a pedra acolheu sempre a memória” (2005, p. 152). Nesse sentido, os monumentos, sejam eles de pedra ou bronze, são uma forma da sociedade expressar a memória constituída em um determinado momento. A escolha do local, a quem comemorar, como inaugurar e quando inaugurar, refletem o contexto político – social. Nesse sentido, a memória monumental tem sua escala de valores, e em função dos imprevistos da história, ela pode desfazer aquilo que ela ligou (Candau, 2005, p. 153), ou seja, ao mesmo tempo em que lembra, o monumento pode ser esquecido e perder todo seu sentido. Ainda segundo Candau, existem três objetivos na elaboração dos monumentos, honorífico e de transmissão, o terceiro, que nos interessa, que é o de provocar uma emoção junto aos visitantes, com o fim de obter sua adesão a um projeto político, reforçar a coesão nacional, etc (2005, p.154). Neste sentido ele ainda argumenta que os monumentos contribuem para a codificação memorial cuja matriz é uma jogada: trata-se de decidir que representações do passado vão ser reveladas, postas em cena e, eventualmente, partilhadas (Candau, 2005, p.154). A proposta deste trabalho é examinar a construção do Monumento Liberazione, em homenagem aos brasileiros, que fica nos arredores do Monte Castello, desde sua concepção inicial na década de 1970, que, naquele contexto, estaria a cargo do arquiteto Oscar Niemeyer, até a ideia de sua retomada, em meados da década de 1990, e inauguração de fato, no ano de 2001, pela arquiteta Mary Vieira.

**Palavras-chave:** Memória; Monumento Liberazione; Força Expedicionária Brasileira.

**Abstract:** According too Joel Candau, “stone has always housed memory” (2005, p. 152). In this sense, monuments, whether they are made of stone or bronze, are a way for society to express the memory constituted at a given time. The choice of location, who to commemorate, how to inaugurate and when to inaugurate reflect the political and social context. In this sense, monumental memory has its own scale of values, and due to the unforeseen events of history, it can undo what it has linked (Candau, 2005, p. 153), in other words, at the same time as it remembers, the monument can be forgotten and lose all meaning. Still according to Candau, there are three objectives in the elaboration of monuments, honorific and transmission, the third, which interests us, is to provoke an emotion in visitors, in order to obtain their adherence to a political project, reinforce national cohesion, etc (2005, p.154). In this sense, he also argues that monuments contribute to memorial codification, the matrix of which is a game: it is a question of deciding which representations of the past will be revealed, put on stage and, eventually, shared (Candau, 2005, p.154). The purpose of this work is to examine the construction of the Liberazione Monument, in honor of the Brazilians, which is located on the outskirts of Monte Castello, from its initial conception in the 1970s, which in that context was the responsibility of the architect Oscar Niemeyer, to the idea of its resumption in the mid-1990s and the actual inauguration in 2001 by the architect Mary Vieira.

**Keywords:** Memory; Liberazione Monument; Brazilian Expeditionary Force.





## INTRODUÇÃO

Os soldados foram os primeiros a serem representados por estátuas na praça pública, porque ofereciam menos motivo para controvérsia do que os políticos, e apareciam como os primeiros servidores da nação (Agulhon, 1988, p. 159-160).

Ao analisar a chamada “estatuomania” na França, no período relativo ao Centenário da Revolução Francesa e todo seu pressuposto comemorativo, Maurice Agulhon percebe que os monumentos que representavam os soldados, considerados os primeiros servidores da nação, eram aqueles que não recebiam críticas da opinião pública, ou seja, serviam à ideia de formação de uma memória coletiva, pois conseguiam, de alguma forma, suscitar o sentimento de pertencimento da sociedade naquele contexto histórico descrito.

Nesse sentido, quando pensamos em um conflito como a Segunda Guerra Mundial, a evocação dos soldados como forma de construção de uma memória coletiva parece ser algo certa. Mas como pensar nessa construção sem a chamada memória traumática, e, para além disso, como pensar essa evocação em países como a Itália e a Alemanha? Como pensar que na Itália monumentos são construídos para homenagear as tropas estrangeiras que ali lutaram?

Se no Brasil os pracinhas que atravessaram o Oceano Atlântico para combater na Segunda Guerra Mundial não raras vezes caem no esquecimento, a situação é diferente em território italiano, onde, pelo menos, sete monumentos foram edificadas em homenagem aos militares brasileiros que fizeram a “cobra fumar” no Velho Continente. Este trabalho procura analisar a construção da memória coletivo acerca da participação do Brasil na libertação da Itália, através do *Monumento Liberazione*, erigido na cidade Gaggio Montano, praticamente aos pés do Monte Castello, onde a Força Expedicionária Brasileira (FEB) travou o seu combate mais difícil.

## A QUESTÃO DOS MONUMENTOS: OS MONUMENTOS DA GUERRA NA ITÁLIA

Segundo Joel Candau (2005, p. 152), “a pedra acolheu sempre a memória”. Nesse sentido, pensamos os monumentos, sejam eles de pedra ou bronze, como uma forma de a sociedade expressar a memória constituída em um determinado momento. A escolha do local, a quem comemorar, como inaugurar e quando inaugurar, reflete o contexto político e social. A noção de indestrutibilidade dos monumentos se deve ao fato de serem considerados como uma “memória mineral”, que duraria por toda a eternidade (Ibid.). Nesse sentido, a memória monumental tem sua escala de valores, e em função dos imprevistos da história, pode desfazer aquilo que ela ligou (Ibid.). Ou seja, ao mesmo tempo em que lembra, o monumento pode ser esquecido e perder todo seu sentido. Ainda segundo Candau, existem três objetivos na elaboração dos monumentos:

na realidade, estes dois objetivos – honorífico e de transmissão – escondem um terceiro, sempre implícito. Trata-se de provocar uma emoção junto dos visitantes, com o fim de obter a sua adesão a um projeto político: reforçar a coesão nacional, satisfazer os representantes de “comunidades” ou de associações, fazer campanha para as próximas eleições, etc. [...] Os diferentes poderes sempre puseram em prática uma política monumental porque eles compreenderam bem que esta procede os quadros sociais da memória. Os monumentos contribuem para a codificação memorial cuja matriz é uma jogada: trata-se de decidir que representações do passado vão ser reveladas, postas em cena e, eventualmente, partilhadas (Ibid., p. 154).



O monumento não somente trabalha com a memória, mas também mobiliza pela mediação da afetividade, a fim de recordar o passado e desta forma fazendo valer no presente. Para Choay, por exemplo, a “função antropológica constitui a essência do monumento” (Chohay, 2001, p. 16). Nesse sentido a propagandização do mesmo efetua um caráter pedagógico a fim de incutir a valoração daquela pessoa ou evento no interior da sociedade. Não falo dos editais públicos, mas sobre a divulgação dos “vencedores” bem como das várias etapas do processo de produção que geralmente eram divulgadas nos jornais. Aproxima-se de uma tentativa de iconização do personagem ou evento retratado.

Em 1903 Alois Riegl<sup>1</sup> foi convidado a redigir *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e sua origem*, sendo inovador no sentido de analisar os monumentos como

uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos (ou a combinação de ambos) (Riegl, 2014, p. 11).

Para o autor, o monumento seria uma composição de arte ou escrita, “criada pela mão do homem” e que presentifica na consciência das gerações posteriores um evento ou pessoa (Ibid.). Nesse sentido, Riegl reafirma a noção educativa do monumento elaborado com o objetivo de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos.

A função política dos monumentos liga cada representado à identidade da nação, desta forma, sua elaboração possui significado que não pode ser retirado do momento histórico ao qual ele foi concebido e inaugurado, pois esvaziaria sua noção de identidade. Sendo assim, podemos perceber que boa parte deles acabou caindo no esquecimento, pois somente se valeram de um processo de rememoração. Segundo Peter Burke, “uma solução mais comum para o problema de tornar concreto o abstrato é mostrar indivíduos como encarnações de ideias e valores” (Burke, 2004, p. 81). Quando pensamos nos monumentos em solo italiano, podemos perceber que o contexto político interferiu nos preceitos comemorativos.

A historiografia italiana busca ressaltar os acontecimentos inerentes à Primeira Guerra Mundial, em sua maioria. Segundo Patrizia Dogliani (1995), ao examinar a questão dos monumentos na Itália, notadamente os monumentos referentes à Segunda Guerra, existe uma tendência para os historiadores direcionarem as pesquisas para a história política e social, deixando de lado a monumentalística, considerado algo simbólico. A autora ressalta ainda que outros aspectos deveriam ser examinados para além dos financiamentos, tendências artísticas, etc. Ao analisar especificamente a construção dos monumentos, Dogliani cita a introdução do livro *Monumenti alla Libertà* (Nizza, 1986) onde Enzo Nizza, estudioso sobre a memória construída após a derrota do fascismo e sua apropriação pela resistência, em que o autor atribui o número de

<sup>1</sup> Alois Riegl (1858-1905), austríaco, foi um dos fundadores da historiografia de arte moderna e da história da arte como disciplina. Considerado hoje um dos líderes intelectuais do fin de siècle vienense, Riegl começou por ser conhecido com o historiador de arte que realmente esteve em contacto com objetos de arte, pois durante onze anos trabalhou como curador do Museu de Artes Aplicadas de Viena. Mais tarde, tornou-se professor na Universidade de Viena, onde fundou a Escola Vienense de História da Arte. Em 1902 foi nomeado presidente da Comissão de Monumentos Históricos da Áustria, e por ela encarregado de empreender a reorganização da legislação de conservação dos monumentos austríacos. O Culto Moderno dos Monumentos foi a base teórica para tal empreitada. Em todas estas funções Riegl explorou novos caminhos na investigação da arte, cuja natureza inovadora apenas recentemente foi reconhecida.



monumentos à questão populacional: os grandes centros receberiam a maior quantidade de obras monumentais. Essa relação era estreita com os locais de maior luta da resistência italiana.

Existe ainda uma periodização feita por Nizza que muito nos interessa. Para ele ocorreu entre os anos de 1945 e 1949 uma proliferação de construções simbólicas acerca da guerra, sejam elas monumentos e/ou placas, como uma espécie de “exigência” da resistência para que a memória da luta não fosse apagada. Mas esse entusiasmo, da mesma maneira que iniciou, se foi. Neste sentido, não podemos deixar de pensar na ideia de Paolo Rossi relacionada aos esquecimentos e às lembranças. Rossi afirma que “A memória faz que os dados caibam em esquemas conceituais, reconfigura sempre o passado tendo por base as exigências do presente” (Rossi, 2010, p. 28). Ela não ocorreria do nada, existe em sua retaguarda o interesse de se trazer o passado de volta ao discurso do presente, baseando-se nele, não de forma completa, mas para criar uma história diferente do fato inicial (Ibid.). Não estaria somente ligada ao passado, mas à identidade e persistência no futuro, a partir de um entrelaçamento entre a memória e o esquecimento, que se fazem presentes em todas as situações de evocação da memória (Ibid.). A resistência tentava marcar sua participação política, naquele momento conturbado na Itália, através da lembrança.

Outro momento interessante para analisarmos a manipulação da memória coletiva, vai de 1949 até 1963, onde foram construídos cerca de 20 monumentos, mas, em todos eles, as referências eram generalistas aos “mortos de todas as guerras”, não sendo mais específicos e de valorização da resistência. Já durante o período compreendido entre 1963 e 1968, sob a influência da Guerra Fria, houve uma retomada do cunho comemorativo, notadamente devidos aos festejos dos 30 anos do fim da guerra. Ainda assim, os monumentos estavam relacionados com a liberdade, tendo o governo o cuidado em não ressaltar grupos ou personagens específicos (Nizza, 1986). Já no período até 1975, foram construídos 62 monumentos, o maior número visto até então. Neles havia uma conotação política maior, o que incluía o financiamento público dos mesmos. Desta forma, podemos perceber que a partir dos anos 1960, os monumentos passaram a ser dedicados à paz e à liberdade, sendo eles erigidos com recursos provenientes da própria comunidade. Temos como um grande exemplo desta nova mentalidade o monumento erguido em 1975, na cidade de Marzabotto, o *Sacrario ai Caduti* (“Sacrário aos caídos” – tradução livre), tendo sua epígrafe colocada somente em 1979, lembrando um passado etrusco (o que ressalta a ideia de construção de uma memória coletiva) e traçando um paralelo com as vicissitudes que ainda poderiam surgir<sup>2</sup>.

A partir da década de 1990, um novo momento de lembrança inicia em solo italiano. O advento da chamada “Operação Mãos Limpas”<sup>3</sup> provocou uma mudança drástica no sistema político, podendo ser classificado como o período mais crucial vivido pela Itália depois da guerra. Toda essa “confusão” política desencadeou um novo processo comemorativo, com aumentadas celebrações locais, notadamente nas regiões localizadas na chamada Linha Gótica. Tais eventos provocaram as reuniões das comunas, das comemorações das datas cívicas (como o 25 de abril, por exemplo), e a participação em geral da sociedade nos “festejos”. Em Gaggio

<sup>2</sup> Sobre o monumento, ver: [https://www.bibliotecasalaborsa.it/bolognaonline/events/inaugurazione\\_del\\_sacrario\\_di\\_marzabotto\\_e\\_premio\\_della\\_resistenza\\_di\\_pittura](https://www.bibliotecasalaborsa.it/bolognaonline/events/inaugurazione_del_sacrario_di_marzabotto_e_premio_della_resistenza_di_pittura). Acessado em 18 out 2024.

<sup>3</sup> Neste trabalho não discutiremos o que foi e as consequências da “Operação Mãos Limpas”. Ela nos servirá apenas como contextualização e/ou marco temporal.

<sup>4</sup> Podemos conferir estes fatos através das páginas que mantêm nas redes sociais como Facebook e Instagram, onde eventos diversos, como festejos, cerimônias e seminários, são divulgados constantemente.



Montano, por exemplo, esses festejos são constantes, possivelmente devido à influência e à participação constante de seus moradores, dentre os quais remanescentes de *partigianos e bersaglieri*, que lutaram ao lado dos aliados, bem como de seus descendentes que procuram manter a memória viva<sup>4</sup>. Nesse novo contexto é que vão surgir os monumentos em homenagem aos soldados brasileiros. Todos os monumentos são posteriores a 1955 (exceto o Monumento Votivo de Pistoia), os quais procuraram ressaltar a participação da FEB nos locais onde ela se fez presente. São monumentos e memórias coletivas locais, ou seja, pertencentes àquela localidade específica onde foram inaugurados. Desta forma, este trabalho se propõe examinar a construção do *Monumento Liberazione*, em homenagem aos brasileiros, construído nos arredores do Monte Castello, desde sua concepção inicial na década de 1970, até a ideia de sua retomada, em meados da década de 1990, e inauguração de fato, no ano de 2001, pela arquiteta Mary Vieira.

## MONUMENTO LIBERAZIONE: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

O ano era 1976. Ocorria em Bolonha um seminário sobre assuntos brasileiros, com a participação de pesquisadores que estavam exilados naquele país. No intervalo de uma das apresentações, Arnaldo Berti, advogado e herdeiro de uma propriedade situada na região de Monte Castello, resolveu procurar os que ali palestravam<sup>5</sup>. Segundo ele, os pracinhas ficaram hospedados em sua propriedade e em sua casa, naquela montanha dos Apeninos, montou-se a base, sendo praticamente a frente de batalha brasileira. Após contar essa história, ofereceu o terreno pertencente à sua família para erguer um monumento em homenagem aos soldados brasileiros. Disse ele, ainda, que havia procurado a Embaixada mas que a proposta não havia sido aceita. Ainda segundo o relato o Dr. Berti, havia dito que o monumento deveria ser desenhado por Oscar Niemeyer. O próprio escreveu uma carta à Niemeyer explicando os motivos para o monumento e para a escolha do arquiteto em sua elaboração<sup>6</sup>. Essa história é contada pela economista Dulce Rosa de Bacelar Rocque, brasileira exilada na Itália, que continua seu relato:

Subimos mais um pouco a montanha e chegamos ao local da casa “dos pracinhas” – Guanella, é assim que se chama. Em área muito acidentada, uma pequena casa típica da montanha apenínica desafia o vale lá embaixo. O arquiteto precisa verificar as características do terreno e mandar as informações necessárias a Niemeyer, para que ele pudesse realizar o projeto. E assim é feito. Algum tempo depois chega a notícia que Niemeyer viria à Europa [...] Aproveitaria a ocasião e viria até Bolonha para visitar Monte Castello. [...] Dois anos depois, novamente de férias no Rio, acompanhada de Givaldo Siqueira vou a um seminário no centro do Rio, onde encontramos Niemeyer e eu volto ao tema. O arquiteto explica que para desenhar o monumento precisa conhecer melhor o terreno, pois as informações dadas pelo seu enviado eram insuficientes, assim como as

<sup>5</sup> Conhecido como “Checco”, Francesco Berti Arnoldi Veli, nascido em Guanella no ano de 1926, lutou contra os alemães na Resistência, fazendo parte da “Brigada Justiça e Liberdade”. Faleceu em 28 de dezembro de 2022.

<sup>6</sup> Cf. Carta para Oscar Niemeyer. Sobre o monumento em Monte Castello em homenagem aos pracinhas. Francesco Arnoldi Berti. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/17.110/6274>. Acessado em 10 out 2024.



fotografias feitas; também precisa de fotos aéreas, pois o terreno parece ser muito irregular. Ficamos com a certeza que em breve receberíamos o projeto na Itália. Volto para Bolonha e conto tudo a Berti, que toma as providências necessárias e eu não me preocupo mais com o caso. [...] Muitos anos depois, já em fevereiro de 1999, é colocada a pedra fundamental de um monumento aos Pracinhas em Monte Castello. O projeto, porém, era assinado por outro brasileiro, uma mulher, Mary Vieira. O medo de avião foi o principal motivo que impediu Niemeyer de projetá-lo<sup>7</sup>.

Se o relato de Dulce Bacelar é verídico, não sabemos, mas nada foi encontrado acerca da ideia inicial de construção do monumento. Outro texto sobre a construção do monumento foi feito por Carmem Lúcia Rigoni, mas ela cita o contexto onde a arquiteta Mary Vieira já estava na concepção do mesmo, ou seja, na fase final, a partir da década de 1990<sup>8</sup>. Em todo caso, se o projeto foi pensado na década de 1970, ele só saiu do papel a partir de 1995.



Fig. 1 – O monumento Liberazione, no sopé do Monte Castello

Fonte: Portal FEB

<sup>8</sup> Carmen Lúcia Rigoni *La Forza di Spedizione Brasiliana* (FEB), memória e história: marcos na monumentalística italiana Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. 2003.

<sup>7</sup> O monumento aos pracinhas que Oscar Niemeyer não fez. Dulce Rosa de Bacelar Rocque. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitetismo/10.116/6273>. Acessado em 10 out 2024.



Essa nova história inicia em 1995, quando Mary Vieira concede entrevista ao Caderno 2 do jornal *Folha de São Paulo*. Essa matéria foi replicada pelo Jornal do Brasil em 31 de outubro de 1995, na coluna de cultura e artes, escrita pelo ator José Wilker. O título da matéria era “Escultura exalta heroísmo da FEB”, e continuava:

A escultora brasileira Mary Vieira, que vive e trabalha na Europa, é a responsável pela escultura “Libertação em campo aberto” que será inaugurada no município de Gaggio Montano, em Guanella, província de Bolonha, na Itália, no dia 8 de maio de [19]96. A obra em mármore branco de Carrara e granito preto do Brasil simboliza a conquista do Monte Castello pela Força Expedicionária Brasileira (FEB), durante a campanha da Itália, na Segunda Guerra Mundial. A escultura será instalada em terreno doado ao Brasil por um italiano, Francesco Berti, que, em 1945, participou do conflito mundial. Dois imponentes arcos de mármore, que se integram em direções opostas, dão um sentido de liberdade à obra, segundo a escultora. A intenção de Mary Vieira, ao fazer a escultura, foi enaltecer o heroísmo brasileiro em território italiano, até para que as gerações futuras tomem conhecimento do fato histórico. “Meu trabalho exerce um papel de vigilante da libertação de todas as formas de ditaduras políticas, de toda e qualquer opressão social, dos diversos fanatismos religiosos e morais, e de todas as imposições culturais”, frisa Mary Vieira<sup>9</sup>.

Dois pontos são interessantes nesta fala de Mary Vieira: o destaque para o Sr Arnoaldo Berti e a intenção de rememoração do chamado “dia da vitória” em 8 de maio, preferindo esta data à data de tomada do Monte Castello, ocorrida em 21 de fevereiro de 1945. A escolha dos materiais também merece destaque, pois seriam utilizadas duas rochas – o mármore de Carrara, tipicamente italiano, e o granito preto brasileiro, simbolizando a união entre os dois países na busca pela liberdade. Entre a criação e a execução da obra, a artista vinha trabalhando a ideia desde 1993, pensando na possibilidade de inaugurar o *Liberazione* durante os festejos do cinquentenário do término da Segunda Guerra Mundial. Tais comemorações tomavam vulto na Europa, e Mary Vieira sentia que esse era o momento propício das pautas brasileira e italiana, apresentando o projeto aos dois governos.

Mas os planos de inauguração não foram completados. Somente em 1996 é que Mary Vieira dá entrada ao projeto na prefeitura de Gaggio Montano. Trata-se da planta do monumento, em diferentes perspectivas, e cita ainda o nome do proprietário das terras, que seria o doador do terreno, Francesco Arnoaldo Berti (Rigoni, 2003, p. 211). O *Jornal do Brasil*, de 18 de setembro de 1996, ou seja, de quatro meses após a provável data de inauguração, noticiava os custos da obra. Afirmava o jornal de ele custaria em torno de R\$ 630 milhões (à época), que seria rateado entre o Ministério da Cultura, Telebrás e a Petrobras. A previsão de inauguração havia sido alterada para janeiro de 1997, a ser feita pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, como uma forma de apropriação do monumento a partir do cunho político.<sup>10</sup> Mas o monumento não saiu devido

<sup>9</sup> Jornal do Brasil, de 31 de outubro de 1995. Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional.

<sup>10</sup> Jornal do Brasil, de 18 de setembro de 1996. Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional.





ao problema jurídico relacionado com a doação do terreno.

Somente em 1998 foi resolvida a questão da doação definitiva do terreno em Guanella. A Embaixada Brasileira em Roma anunciou a finalização da doação através do seguinte comunicado:

Para o Brasil o ato de aceitação da cessão do espaço onde surgirá a prestigiosa obra plástica, foi firmado pelo embaixador do Brasil em Roma, Paulo Pires, na presença dos adidos militares brasileiros, das autoridades e personalidades da arte e da cultura brasileiras e italianas. [...] O solo onde aparecerá o monumento foi o campo de batalha que viu a conquista de Monte Castello, considerado um dos episódios determinantes da campanha da Itália na Segunda Guerra Mundial (Brasil, 1998).

Acerca disso, novamente o *Jornal do Brasil* publica matéria a respeito do monumento. Em 18 de outubro daquele ano noticia que, durante cerimônia na Embaixada do Brasil em Roma, foi assinado um ato de aceitação do terreno doado pelo Dr. Berti para a construção do monumento, sendo ele, o monumento, promovido pelo Ministério da Cultura e por sociedades industriais do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília<sup>11</sup>. Além disso, o financiamento para a obra contou com recursos da Lei Rouanet e, em conjunto com as associações dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira e de ex-combatentes italianos.

O lançamento da pedra fundamental ocorreu no dia 21 de fevereiro de 1999, e contou com as presenças do ministro da Cultura, Francisco Weffort, do Brasil; do prefeito de Gaggio Montano, Roberto Melosi; autoridades brasileiras e italianas; e a escultora Mary Vieira, que discursou em italiano:

Neste gélido fevereiro de 1999, a pedra fundamental do monumento *Liberazione: monovolumi a ritmi aperti*, que projetei em 1994, hoje inicia a laboriosa construção. Curvam-se os céus do território de Monte Castello, onde os pracinhas venceram uma épica batalha na Segunda Guerra Mundial. Honra aos heróis [...] Glória aos conquistadores de Monte Castello, sob a luz de um monumento, nascido da liberdade estrutural, que tenho a honra de escrever neste espaço, neste excepcional evento, na tensão infinita do recorde historicizado (Rigoni, 2003, p. 212).

Mary Vieira não participou das festividades da inauguração do *Liberazione*, pois faleceu aos 72 anos, em fevereiro de 2001.

O monumento mede 7 metros de altura e 14 metros de largura, sendo inserido em um círculo de 35 metros de diâmetro. O projeto possui linhas arrojadas com dois arcos brancos com mármore de Carrara e a base em granito preto baiano. Os arcos prolongados em suas extremidades se encontrariam no infinito, um dos arcos brancos, que aponta para a terra, simboliza a morte; o outro que aponta para o céu, para a transcendência que as mortes dos soldados significaram, definindo assim, por consequência, a "forte carga simbólica" do monumento *Liberazione*, segundo as palavras da autora,

É uma dialética estrutural de curvas monumentais em direções opostas, abrindo-se ao futuro, o que exalta o sacrifício dos nossos combatentes na libertação da Itália ocupada pelos nazistas<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Jornal do Brasil, de 18 de outubro de 1998. Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional.

<sup>12</sup> Folha de S. Paulo. São Paulo, 31 out. 1995. Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional.



Na concepção do monumento Libertação, a escultora Mary Vieira imaginou o movimento contínuo do sol, lançando sobre o solo a cruz projetada (do sol do meio-dia), símbolo do heroísmo brasileiro (Rigoni, 2003, p. 213).

A obra é inaugurada no dia 21 de junho de 2001, com a participação de caravanas formadas por ex-combatentes e familiares, que foram para a Itália de diversas partes do Brasil. Jornais italianos noticiaram a inauguração do monumento, relembrando fatos ocorridos no local, como, por exemplo, o evento relacionado com “os 17 de Abetaia”, mostrando que alguns fatos relacionados com a história da FEB estão presentes na memória coletiva dos italianos<sup>13</sup>.

O monumento integra esse quadro. Em um jornal local de Gaggio Montano podemos ter a dimensão da sua importância para a sociedade local.

No dia 21 de junho de 2001, um sol esplêndido iluminava a grande baixada entre Guanella e Monte Castello. Nesse dia de festa, junto ao prefeito de Gaggio Montano, engenheiro Roberto Melosi, estavam presentes os prefeitos das cidades vizinhas, representantes do governo italiano, o vice-prefeito de Bolonha, autoridades civis e militares, brasileiros e italianos. Outros cem veteranos da Força Expedicionária Brasileira estiveram presentes, na inauguração do monumento que recorda o heroísmo dos soldados brasileiros, que deixaram a vida, ainda jovens, no longínquo 1944-1945, para a conquista deste Monte Castello, o último baluarte de defesa da 232ª Divisão Alemã. A grande obra, intitulada *Liberazione: monovolumi a ritmi aperti*, foi idealizada pela escultora de notoriedade internacional Mary Vieira (Gualandi, 2001).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda em processo inicial de pesquisa, este trabalho procurou analisar as questões relacionadas à construção do *Monumento Liberazione*, representando a tomada da região de Monte Castello pela FEB. Ressaltamos as questões políticas norteadoras neste processo e como elas definiram as posturas dos italianos naquilo que deveriam comemorar e naquilo que deveriam esquecer. Desta forma “a recordação torna-se uma força política que erige normas capazes de contrapor-se ao presente. Com esta força cabe superar o presente mau e criar o novo tempo” (Assmann, 2011, p. 183). No caso dos eventos traumáticos, como uma guerra, por exemplo, não se pode recorrer à retórica nem à ficção tradicionais, pois são acontecimentos inenarráveis, então os autores-testemunhas utilizam outras estratégias, como colagens e ficções, e os locais são importantes para a fixação dos eventos.

Para finalizar este texto, recorreremos ao trabalho de Paolo Rossi, principalmente quando ele afirma que “a história é jogo de revelação e encobrimento, de manifestação e ocultação” (Rossi,

<sup>13</sup> Com o título “La traccia dei brasilieri: un grande composizione scultorea nel panorama di Gaggio Montano”, o jornal *Il Resto del Carlino*. Bolonha, Itália. 22 jun. 2001, assim escreve: “Si inaugura il monumento ai caduti brasiliani. [...] Alle 12:00 è stato inaugurato il monumento che ricorderà il sacrificio di 500 soldati del ultimo conflitto mondiale [...]. Una intensa commozione [...] alla manifestazione erano presenti i pracinhas della formazione brasiliana insieme con i loro familiari” (Inaugura-se o Monumento aos Mortos Brasileiros. Às 12 horas foi inaugurado o monumento que recordará o sacrifício de 500 soldados no último conflito mundial. Uma intensa comoção. Nessa manifestação, estavam presentes os pracinhas da FEB, junto de seus familiares). Sobre o evento dos 17 de Abetaia, o jornal *La voce dei combattenti e reduci federazione provinciale di Bologna*, n. 5 e 6, Bolonha, dez. 2001, afirmou que “No evento trágico do dia 2 de dezembro de 1944, uma patrulha brasileira atravessava em fila indiana um terreno plantado com milho. Ali era a ‘terra de ninguém’ - os grãos não haviam sido colhidos. Das proximidades de um local chamado Spondela, um atirador alemão abate, quase que simultaneamente os rapazes da patrulha.”. Cf. Rigoni. op. cit, p. 213-215.



2010, p. 19). Menciona ainda que “os sacrários e cemitérios de guerra, relacionam as lembranças dos indivíduos à dos grandes eventos ou das grandes tragédias”, bem como os monumentos que “nos remetem ao passado de nossas histórias, à sua continuidade presumível ou real com o presente” (Ibid., p. 23). Sobre o esquecimento ele afirma que “toda vez que tocamos no tema da memória, somos chamados também para o tema do esquecimento” (Ibid., p. 36), existindo assim muitas formas de induzir ao esquecimento e muitas razões para provocá-lo:

o ‘apagar’ não tem a ver só com a possibilidade de rever, a transitoriedade, o crescimento, a inserção de verdades parciais em teorias mais articuladas. Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade” (Ibid., p. 32).

Caberia então à historiografia e ao historiador remediar o esquecimento, a fim de contribuir para a memória coletiva, a fim de se referir a um passado coberto de sentidos.





## FONTES

BRASIL. *Release* nº 1. Embaixada do Brasil em Roma. 6 de outubro de 1998.  
JORNAL DO BRASIL, de 31 de outubro de 1995. Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional.  
JORNAL DO BRASIL, de 18 de setembro de 1996. Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional.  
JORNAL DO BRASIL, de 18 de outubro de 1998. Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional.

## BIBLIOGRAFIA

AGULHON, Maurice. *Histoire vagabonde*, 2 v. Paris: Gallimard, 1988.  
ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.  
BURKE, Peter. *Testemunha ocular. história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.  
CANDAU, Joel. *Antropologia da memória*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.  
CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.  
DOGLIANI, Patrizia, Luoghi della memoria e monumenti, in Brunella In DALLA CASA; PRETI, Alberto (orgs.). *Bologna in Guerra 1940-1945*. Milano: Franco Angeli, 1995.  
GUALANDI, Fábio. Crônica. *Gente di Gaggio Montano*, Bolonha, n. 23, Jul., 2001.  
NIZZA, Enzo. Introduzione. In GALMOZZI, Luciano, *Monumenti alla libertà. Antifascismo, resistenza e pace nei monumenti italiani dal 1945 al 1985*. Milano: La Pietra, 1986.  
RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem*. São Paulo: Perspectiva, 2014.  
RIGONI, Carmen Lúcia. *La Forza di Spedizione Brasiliana: FEB memória e história, marcos na monumentalística italiana* Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.  
ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.



**Marcelo Vieira de Souza Filho** é Coronel de Cavalaria do Exército Brasileiro, bacharel em ciências militares, licenciado em História, pós-graduado pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, em História Militar pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e em Gerenciamento de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas. Foi chefe do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército e, atualmente, é mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira.